



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após sessão plenária da 10ª Cimeira Luso-Brasileira

Lisboa-Portugal, 19 de maio de 2010

Meu caro companheiro, primeiro-ministro Sócrates,
Companheiros ministros de Portugal, ministros do Brasil,
Companheiros que vieram de tantos lugares do Brasil para assinar acordos com Portugal,
Companheiros da imprensa brasileira e da imprensa portuguesa,

Eu penso que o século XXI é o século dos países que não tiveram chance no século XX. Eu lembro que uma parte do mundo cresceu muito no século XIX, outra parte cresceu muito no século XX, e eu firmei a convicção, Sócrates, de que o século XXI o Brasil não jogaria fora, o Brasil iria aproveitar o século XXI para se transformar em uma grande economia. O Brasil, desde que eu me conheço por gente, o Brasil sempre foi o país do futuro, mas quando a gente vai adquirindo consciência política, a gente vai ficando preocupado porque o futuro demora muito a chegar para o Brasil.

De 1950 a 1980, a economia brasileira foi a economia que mais cresceu no mundo. Entretanto, quando chegou aos anos 80, o que nós percebemos era que os ricos tinham ficado mais ricos e os pobres tinham ficado mais pobres. Então, era preciso tentar diminuir essa distância e garantir que os pobres pudessem subir um degrau na escala social do nosso país. O Brasil hoje vive um momento, eu diria, mágico na sua economia. Dizem que eu tenho sorte, porque tudo dá certo, mas também trabalho muito. Eu, você percebe que eu estou com a cara cansada porque estamos há oito dias andando pelo mundo, tentando comprar e vender as coisas para o Brasil. Eu não tenho nenhuma vergonha de fazer propaganda de qualquer empresa brasileira, em qualquer



lugar do mundo. Uma vez eu estive com um presidente, no Brasil, e ele não quis sentar em um carro porque o carro, ele não queria fazer *merchandising* de um carro. Eu falei: pois eu sento nos dois, pode tirar foto minha aqui, como vendedor de carro, que eu estou satisfeito.

O Brasil tem vivido este momento excepcional. Quando eu terminar o meu mandato agora, Sócrates, nós vamos ter gerado pelo menos 14,5 milhões de empregos novos; nós vamos ter feito 14 universidades federais; nós vamos ter feito 214 escolas técnicas; nós vamos ter mudado um pouco a cara do nosso país – 31 milhões de brasileiros entraram na classe D, ou melhor, na classe C, e 21 milhões de brasileiros saíram da pobreza absoluta –, a economia brasileira está crescendo.

Eu, durante a crise econômica de 2008, eu ousei dizer que a crise no Brasil era só uma marola, uma pequena onda, que não ia acontecer no Brasil o que aconteceria nos países ricos, e até nisso eu tive sorte. Nós fomos o último país a entrar na crise e fomos o primeiro país a sair da crise. Essa é uma crise *sui generis*, porque é uma crise que aconteceu nos países ricos, e toda vez que acontece uma crise nos países ricos ela reflete nos países pobres. E desta vez, na América Latina e na América do Sul, todos os países estão crescendo, diferentemente dos países ricos, que enfrentaram a crise de forma mais dura. E quando a gente tem crise, a gente também tem que tomar medidas duras.

O ajuste fiscal que eu fiz em 2003 foi, possivelmente, o ajuste fiscal mais duro que o governo já fez. Entretanto, nós tínhamos consciência de que, se não fizéssemos aquele ajuste fiscal, a gente não conseguiria atravessar o oceano. E foi graças à coragem que nós tivemos em 2003 é que nós conseguimos hoje estar em uma posição altamente confortável. Aqui tem muitos amigos meus, do meu partido e do governo, que ficavam nervosos comigo, que diziam para mim: “Não é possível, isso é um programa de direita, isso é um programa...”. Mas fui obrigado a fazer o programa para poder colher o que nós estamos colhendo hoje.



Eu sei que a crise vai exigir sacrifício. Lamentavelmente, os mais ricos, que são responsáveis por essa crise, não pagarão a dívida. Eu, sinceramente, não conheço nenhum economista que me explique porque a União Europeia demorou três meses para tratar a questão da Grécia; eu não consigo compreender porque deixaram o Lehman Brothers quebrar, que ficaria muito mais barato tentar encontrar uma saída enquanto ele estava funcionando; eu não consigo entender porque os países ricos não têm uma regulamentação do sistema financeiro mais dura como, por exemplo, no Brasil, onde o sistema financeiro não pode alavancar mais de dez vezes o seu patrimônio líquido.

Eu faço parte do G-20, Sócrates, e as coisas têm sido muito lentas, ou seja, as nossas decisões não são implementadas porque nós não temos uma governança global, nenhuma instituição multilateral que possa obrigar que as coisas sejam cumpridas, cada um volta para o seu país e faz a mesma coisa que precisa. Ou seja, os prejuízos são globais, as políticas comerciais são globais, as decisões dos bancos centrais – tem decisões que são globais, mas, na verdade, a aplicação dessas medidas é individual e, aí, nós temos mais dificuldade.

É muito importante estar hoje em Portugal, assinando essa quantidade de acordos e protocolos que estão aqui. É muito importante porque, definitivamente, os empresários portugueses já tinham descoberto o Brasil antes de o Brasil descobrir Portugal, com seu empresariado. São 20 bilhões de euros investidos no Brasil por empresários portugueses, por mais de 600 empresas portuguesas. E há muito tempo nós fazemos discurso de que Portugal é, pela nossa relação histórica, a porta de entrada mais importante para os produtos brasileiros no mercado europeu.

Agora, finalmente, as empresas brasileiras estão agindo de forma mais madura e de forma, eu diria, mais de reconhecimento daquilo que Portugal já fez pelo Brasil. Nós, recentemente, tivemos duas empresas brasileiras, a Camargo Corrêa e a Votorantim, que compraram por volta de 52% da maior



cimenteira de Portugal e, portanto, são grandes investimentos. Nós estamos, com a Embraer, montando duas fábricas aqui em Portugal, e é importante que é a Embraer, porque a Embraer é alta tecnologia e, portanto, é muito valor agregado. Nós estamos percebendo a parceria na área de ciência e tecnologia com o Brasil, o que é uma coisa extremamente importante. Hoje eu descobri, finalmente eu descobri um país onde uma empresa se cria em 30 minutos. Ou seja, o nosso Ministro da Indústria e Comércio e o nosso Ministro do Planejamento vão ter que vir aqui para aprender, porque o que as pessoas mais se queixam, no Brasil, é que demora muito para abrir uma empresa. Melhorou bastante, melhorou bastante com as mudanças que nós fizemos, mas, certamente, ainda não é em 30 minutos, e para fechar elas demoram muito mais tempo.

Então, nós queremos aprender com Portugal. Portugal está nos ajudando na área de saneamento básico, sobretudo em função da Copa do Mundo e em função das Olimpíadas, e nós somos agradecidos porque Portugal já viveu essa experiência.

Mas uma coisa me chamou a atenção, que foi o acordo da Galp e da nossa empresa de biodiesel. Eu tive o prazer de estar com a direção da Petrobras e também com a direção da Galp no coração da selva amazônica, numa plantação de palma africana, que é originária da própria região e, portanto, nós estamos utilizando áreas degradadas. Além de produzir um combustível limpo, nós vamos recuperar áreas degradadas, gerar empregos. Uma parte desse óleo será utilizada pela Petrobras, numa refinaria lá mesmo, no estado do Pará, para atender a região Norte do país, mas a grande parte virá para ser refinada aqui em Portugal, para que Portugal possa vender ao mercado europeu e, sobretudo, aos nossos amigos espanhóis que estão aqui, bem mais próximos de nós. Ou seja, quando ligarem um carro com biocombustível, vocês não vão sentir aquele cheiro insuportável do óleo diesel, mas vão sentir o cheiro de um óleo mais gostoso, muita gente vai pensar até



que está fritando uma batatinha. Eu acho que... Eu sinto orgulho, porque esse é um programa que eu sonhei, esse é um programa que foi patenteado no Brasil, em 1975, mas somente em 2003 nós resolvemos adotar o biocombustível como uma parte da matriz, da nossa matriz energética no Brasil, acho que foi muito importante. Então, quando eu vi a Galp assinar o acordo, eu fiquei muito, mas muito, muito, muito feliz, porque acho que foi um acordo extraordinário.

Uma outra coisa importante que eu vi aqui... Uma outra coisa que eu vi aqui, muito importante, foi o acordo da Petrobras com a Galp também, para tentar pesquisar e ver o que é possível que tenha no fundo do mar aqui, perto de Portugal. No Brasil, nós encontramos a 7 mil metros de profundidade aquele petróleo que faltava para nós em terra, e é preciso muito investimento em tecnologia para a gente conseguir tirar um petróleo que tem 2 mil metros de lâmina d'água, 2 mil metros de rocha, 2 mil metros de sal, para você poder chegar lá. Nós estamos tomando todo o cuidado do mundo para que a gente não traga um japonêsinho lá na sonda, porque está quase chegando do outro lado do mundo. Eu acho que a Petrobras é uma empresa de excelência na área de tecnologia, eu acho extraordinário que essa parceria com a Galp se transforme em uma parceria muito forte.

Nós temos a Portugal Telecom, com forte investimento no Brasil. Eu acho que no Brasil sempre há espaço de crescer. Acho que era importante que a gente discutisse com a Brasil Telecom como a gente crescer no mercado africano também, crescer no mercado brasileiro, crescer no mercado latino-americano. Nós, agora, aprovamos... criamos uma empresa para investir em banda larga, nós queremos levar banda larga a todos os rincões do nosso país, nós queremos transformar a banda larga em um direito de cada cidadão e não em um privilégio de quem tem dinheiro para pagar, ou seja, é preciso que a gente consiga vender isso mais barato para o povo brasileiro e, obviamente, isso vai contar com a parceria dos companheiros portugueses.



Eu quero dizer ao meu amigo Sócrates que é sempre uma alegria vir a Portugal. Lamentavelmente, hoje eu vim em uma correria muito grande. Um presidente da República nunca pode dizer que está cansado, porque político tem sempre a impressão de passar a ideia de que ele é forte, de que ele não cansa nunca. Eu estou cansado, muito cansado, eu deveria ter chegado aqui mais cedo, trabalhado mais cedo, mas também não pude chegar porque estamos em uma viagem que começou na Rússia, em Moscou, depois Catar, depois o Irã, depois a Espanha e agora Portugal, mas eu estou feliz. Estou feliz porque, finalmente, Brasil e Portugal se reencontraram. Não é mais aquela coisa só sentimental, é uma coisa muito verdadeira de compreender a posição estratégica, do ponto de vista geográfico, que está Portugal para o Brasil e o potencial que o Brasil tem para ajudar a alavancar a economia portuguesa. Eu tenho certeza de que se a gente continuar crescendo, como estamos pensando que vamos crescer, nós poderemos ter muito mais parceria com Portugal.

Portanto, eu quero agradecer mais uma vez o carinho do meu companheiro e amigo Sócrates e dizer que eu espero que a gente se encontre muitas vezes e que façamos muitos acordos até o dia 31 de dezembro, quando termina o meu mandato na Presidência do Brasil.

Muito obrigado, gente.

(\$211B)



Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República
